



A expressão “alfa e o ômega” do Apocalipse como fundamento da divindade do Filho

Macionila Campos de Oliveira¹

Resumo

A presente pesquisa analisa a interpretação teológica da expressão Alfa e Ômega segundo o Livro do Apocalipse. Para alcançar tal compreensão, faz-se uso da metodologia de análise bibliográfica sobre o tema. Primeiro são apresentados o contexto histórico, literário e demais aspectos relacionados ao Apocalipse. Em seguida, discute-se o significado teológico desse título, evidenciando como, aplicado a Deus e a Jesus Cristo, tornou-se manifestação da fé cristã.

Palavras-chaves: Apocalipse. Alfa e Ômega. Divindade do Filho.

1 Introdução

O Livro do Apocalipse é fundamental para compreender o tema deste artigo. O autor dessa importante obra da literatura apocalíptica transmitiu, por meio da linguagem simbólica, profética e visionária, a “Revelação de Jesus Cristo” (Ap 1,1), com a finalidade de fortalecer a fé dos cristãos das sete igrejas da Ásia Menor diante das perseguições e tribulações impostas pelo Império Romano no século I.

Com o passar do tempo, as comunidades cristãs reconheceram que a mensagem propagada através dos símbolos se tornara um recurso eficaz na transmissão da fé. Inspirando-se nas tradições do Antigo Testamento, o autor do Apocalipse atribuiu diversos títulos a Deus e a Cristo com o auxílio de símbolos conhecidos pelo cristianismo, entre os quais se destaca a expressão “alfa e ômega”, primeira e última letras do alfabeto grego, que juntas simbolizam o princípio e o fim, bem como a totalidade divina.

A partir desses dados, este artigo buscará interpretar, de maneira breve, a expressão “alfa e ômega”, situando-a como título no contexto do Apocalipse, a fim

¹ Graduada do curso de Bacharelado em Teologia pela Universidade Católica de Pernambuco. Mestranda em Teologia pela Universidade Católica de Pernambuco. E-mail: macionila.2021107920@unicap.br

de entender sua contribuição na expansão da fé cristã primitiva, bem como atualmente.

2 O livro do Apocalipse

O Livro do Apocalipse apresenta-se como a “Revelação de Jesus Cristo” (Ap 1,1). Seu título deriva do termo grego *apokalypsis*, que significa revelação (Mckenzie, 2005, p. 53), comunicada por meio de uma linguagem simbólica e visionária, com o propósito de fortalecer a fé dos primeiros cristãos das sete igrejas da Ásia Menor (Ap 1,4.11), em meio às tensões iniciais com o Império Romano. Desse modo, tanto no passado quanto no presente, o livro continua transmitindo sua mensagem de profecia e esperança.

Nessa linha observa-se o avanço dos estudos bíblicos entre os pesquisadores que se dedicam à temática apocalíptica, perceptível em programas televisivos, sites, livros, artigos acadêmicos, vídeos em plataformas digitais e cursos on-line. Ainda assim, alguns questionamentos sobre o Livro do Apocalipse permanecem sem resposta, enquanto outras questões ainda são transmitidas de maneira literal, o que provoca temor em muitas pessoas.

Para o leitor contemporâneo, o conteúdo do livro não é de fácil compreensão, em razão do simbolismo que o caracteriza: escatologia, cosmologia, números, cores, demônios, anjos, batalha do bem contra o mal, entre outros aspectos que exigem maior atenção, bem como a necessidade de uma interpretação cuidadosa e contextualizada, a fim de não deturpar a verdadeira mensagem que essa obra comunica por meio dos símbolos.

Diante dessas considerações, convém destacar que, ao longo dos anos, surgiram inúmeras indagações sobre esse importante escrito do cristianismo: debates, esclarecimentos, interpretações errôneas, curiosidades quanto à datação, autoria, destinatários, período histórico, base argumentativa e outros aspectos relacionados ao texto. Contudo, à medida que essas questões se multiplicam, favorece o surgimento de descobertas nas pesquisas bíblicas atuais.

Nesse cenário de incertezas e argumentações sobre o Apocalipse, não há informações precisas no próprio texto quanto à data de composição. No entanto,

com base em pesquisas históricas, alguns estudiosos defendem a hipótese de que algumas partes do livro tenham sido escritas antes do ano 70 d.C., no tempo do imperador Nero. Outros, porém, situam sua redação durante o reinado de Domiciano, por volta do ano 95 d.C. (Bíblia, 2022, p. 2139). Seja qual for a data em que foi escrita essa importante obra cristã, eram tempos difíceis para a igreja nascente, marcada pela necessidade de testemunhar a fé.

No que diz respeito à autoria, embora ao longo dos séculos tenha sido atribuída a diferentes personagens, o próprio texto confere sua elaboração a João de Patmos, exilado na ilha por testemunhar Jesus Cristo e anunciar a Boa-Nova de Deus (Ap 1,9). Esse autor é apresentado como profeta (Ap 10,11; 22,6.9), responsável pela riqueza literária, litúrgica, profética, teológica e simbólica que distingue o Apocalipse da literatura judaica, justamente por se tratar de uma obra da apocalíptica cristã, na qual Jesus Cristo é a figura central (Mckenzie, 2005, p. 56).

Além disso, o livro se mostra singular no conjunto dos escritos do Novo Testamento, por inserir-se no “gênero literário apocalíptico” (Vanni, 1984, p. 8). No entanto, as cartas destinadas às sete igrejas da Ásia não pertencem a esse gênero, pois não apresentam visões nem conteúdo escatológico, mas advertências morais dirigidas a essas comunidades (Mckenzie, 2005, p. 56).

Portanto, o cristianismo do século I compreendia a linguagem apocalíptica, considerando que essa literatura já se havia difundido entre o povo por volta do século II a.C., preservada até o século III d.C., desenvolvendo-se entre os judeus e, com o passar do tempo, os cristãos também assimilaram em seus escritos (Vanni, 1984, p. 7-8), porque reconheceram nesse gênero literário um meio de expressar sua fé em Jesus Cristo, mantendo-se resistente à opressão do Império Romano.

Do mesmo modo, as referências ao exílio e à tribulação (Ap 1,9), à prisão (Ap 2,10), à morte (Ap 2,13; 6,9-11; 13,7) e até à decapitação por causa da Palavra de Deus e do testemunho de Jesus Cristo (Ap 20,4) foram entendidas como sinais de coragem, fidelidade e perseverança dos cristãos que, unidos a Cristo, a Revelação de Deus, receberam o poder de vencer às forças contrárias à fé.

Por fim, compreende-se que o autor do Apocalipse, inspirado nas mensagens dos profetas apocalípticos do Antigo Testamento e na tradição apocalíptica da

época, conseguiu transmitir sua profecia em linguagem simbólica, destinada a fortalecer a fé dos cristãos em todos os tempos.

3 Interpretação teológica da expressão “alfa e ômega” no Apocalipse

Ao longo da história, em diversas culturas e religiões, os símbolos desempenharam papel fundamental nas expressões da fé. No âmbito do cristianismo do século I, as igrejas cristãs da Ásia Menor estavam marcadas por perseguições iniciais e tribulações. Diante dessa realidade, o autor do Apocalipse valeu-se de citações e alusões simbólicas do Antigo Testamento (Mckenzie, 2005, p. 54) para fortalecer a fé dos cristãos e encorajá-los a perseverar diante dos opressores.

Desse modo, o Livro do Apocalipse surgiu como profecia destinada a transformar a realidade: “com fé e esperança, deve-se esperar a salvação e o juízo de Deus, convencidos de que o perseguidor cairá antes de conseguir destruir o povo de Deus” (Mckenzie, 2005, p. 56).

Com base nessa expectativa, o autor do Apocalipse, recorreu diversas vezes a títulos e terminologias do Antigo Testamento para designar tanto a figura de Deus quanto a de Cristo (Vanni, 1984, p. 17-18). Entre esses conceitos, destacou em forma simbólica as letras Alfa e Ômega, primeira e última do alfabeto grego, que representavam o início e o fim, isto é, a totalidade (Mckenzie, 2005, p. 22). No entanto, esse significado permanece atual: Alfa e Ômega continuam a expressar a ideia da totalidade divina, pois Deus e Cristo abrangem o princípio e o fim de todas as coisas.

Importa notar que os primeiros cristãos compreendiam essa simbologia, já que a língua grega fazia parte de muitas culturas. O livro do Apocalipse, por exemplo, foi escrito em grego helenístico (Vanni, 1984, p. 8), idioma amplamente difundido e conhecido pelo cristianismo da época.

Consequentemente, o autor do Apocalipse recorreu à linguagem simbólica, ao atribuir a Deus o título de Alfa e Ômega (Ap 1,8; 21,6), isto é, origem e fim de tudo o que existe. Essa formulação inspirou-se nas declarações do profeta Isaías, que confessou o Senhor como “o primeiro e o último” (Is 41,4; 44,6). Posteriormente,

essa mesma qualidade foi atribuída a Jesus Cristo (Ap 22,13), isso tornou possível a afirmação dogmática sobre a eterna divindade do Filho. Com o passar do tempo, os cristãos, instruídos pela mensagem teológica transmitida pelo autor sagrado, compreenderam essa associação.

Além disso, esse conceito foi, para o autor, uma declaração de fé, pois “o Filho procede eternamente do Pai, por isso não houve um tempo em que o Filho não existisse” (Frangiotti, 1995, p. 76). Pai e Filho são inseparáveis desde sempre e, pela natureza divina, o Filho é “Deus verdadeiro de Deus verdadeiro, gerado, não criado, consubstancial ao Pai” (Loewe, 2000, p. 250). Por isso, o Filho também é onipotente, onisciente (Loewe, 2000, p. 252) e onipresente para toda a eternidade.

Portanto, a apropriação do título Alfa e Ômega ao Filho não se reduz a uma simbologia, mas constitui uma profissão de fé que afirma sua eternidade e divindade inseparável do Pai, garantindo aos cristãos a certeza de que Cristo, em comunhão com o Pai, é princípio e fim de todas as coisas. Desse modo, essa atribuição ultrapassa qualquer expectativa humana, pois, por meio deles, em todos os tempos, as forças do mal serão vencidas.

4 Considerações finais

Nesta breve pesquisa, constatou-se que a profecia do Livro do Apocalipse, transmitida através da linguagem simbólica e visionária, foi essencial para fortalecer a fé dos cristãos do século I. Nesse contexto, o título Alfa e Ômega, atribuído a Deus e posteriormente a Jesus Cristo, revela-se como uma profissão de fé que ultrapassa o simples simbolismo, afirmando a eternidade e a unidade do Pai e do Filho como princípio e fim de todas as coisas.

Além disso, observou-se também que a apropriação dessa designação demonstra como o cristianismo nascente soube dialogar com a tradição apocalíptica judaica e reinterpretá-la à luz da revelação cristã, oferecendo às comunidades perseguidas força e esperança. Assim, tal expressão não se reduz a uma metáfora literária, proposta pelo autor sagrado, mas constitui um testemunho teológico que proclama a comunhão do Pai e do Filho, presente desde antes da origem do universo.

Portanto, conclui-se que o enunciado teológico Alfa e Ômega, ao longo dos séculos, constituiu-se como marco indispensável para o fortalecimento da fé cristã, permanecendo no contexto contemporâneo, onde continua a inspirar esperança, resistência e confiança na vitória definitiva de Deus sobre o mal.

Referências

BÍBLIA de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2002.

FRANGIOTTI, Roque. *História das heresias: séculos I-VII: conflitos dentro do cristianismo*. São Paulo: Paulus, 1995.

LOEWE, William P. *Introdução à cristologia*. São Paulo: Paulus, 2000.

MCKENZIE, John L. *Dicionário bíblico*. São Paulo: Paulus, 2005. 9a ed.

VANNI, Hugo. *Apocalipse: uma assembleia litúrgica interpreta a história*. São Paulo: Paulinas, 1984.